



Universidade Lusitana de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes

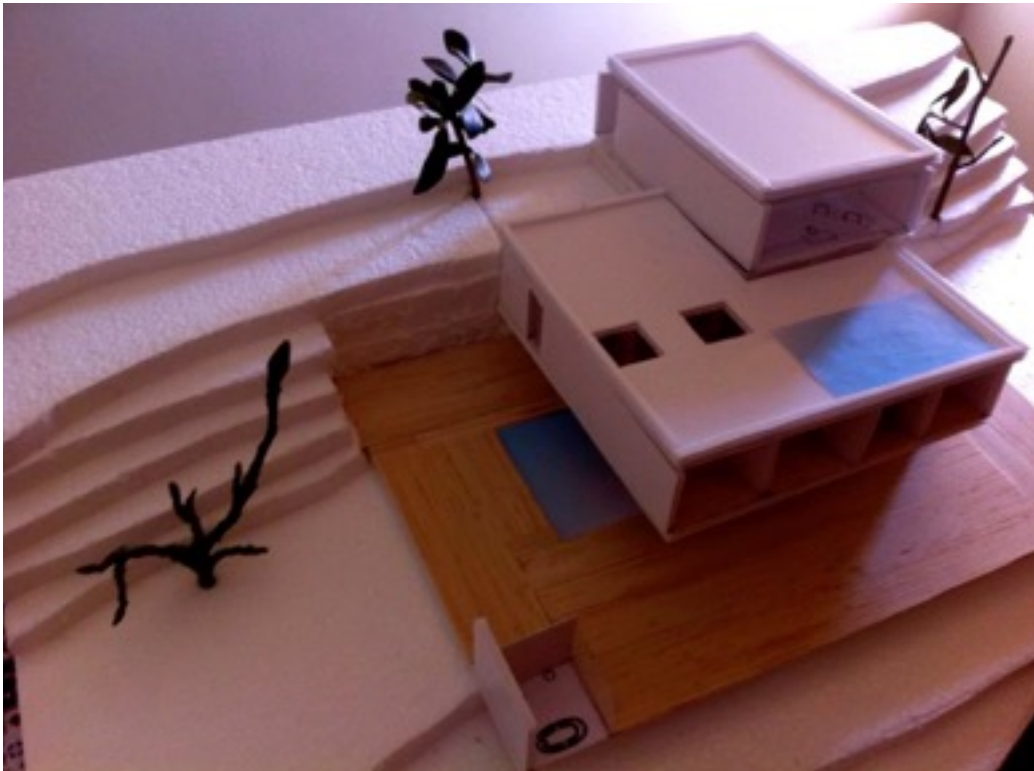
HABITAÇÃO UNIFAMILIAR

Docentes: PROF. DOUTOR HENRIQUE FABIÃO -
PROF. DOUTORA TERESA PINTO - PROF.
ARQUITETO CÉSAR MOREIRA

Aluna: MÓNICA PIMENTA n° 31724613
ARQUITECTURA II

2° ANO/1° SEMESTRE

ANO LECTIVO 2014/2015





Introdução:

Foi nos lançado o ultimo trabalho do semestre nos meados de Novembro, em que consistia em projetar uma habitação unifamiliar luxuosa para um loteamento em Lagos, Algarve foi distribuído os lotes aleatoriamente. Fiquei com o lote numero 64 um v4, na Via Panorâmica onde se encontram os maiores lotes do resort, com vistas de 180 graus para o mar e rodeados pelo campo de golfe. Foi nos também fornecido uma planta completa do loteamento para realizar-nos em conjunto uma maquete do terreno a 1:2000, depois disto individualmente cada um fiz a sua maquete do lote que lhe fora atribuído á escala 1:200, estudado assim o terreno e as suas características comecei uma pesquisa de habitações com as condicionantes: a sua localização; o clima; o tipo de construção da zona; os materiais mais utilizados; para conseguir um bom estudo do contexto interpretativo do local de intervenção e das suas características aqui mencionadas, utilizei o livro "Arquitetura Popular em Portugal" que é uma transcrição daquilo que foi o inquérito á arquitetura popular portuguesa em 1961, que está dividido em varias zonas, mas deste caso o Algarve é mencionado como a zona 6. Utilizei também o livro "Do Habitar" de Maria Milano que me deu um vasto conhecimento com os seus capítulos sobre: "A cultura do habitar em Portugal", "notas sobre o espaço domestico em diferentes culturas", "Arquiteturas Portuguesas", "A paisagem e o habitar Mediterrâneo - do habitat mediterrâneo ao habitar da paisagem" e "Habitar o território-uma visão geográfica" de variados autores.

A partir daqui comecei a minha pesquisa propriamente dita, retirei as minhas referências metodológicas de casas como: a Casa EG / Play - Marcelo Alvarenga, AIBS / Atelier d'Architecture de Bruno Erpicum & Partners, House of the infinite by Alberto Campo Baeza stretches towards the ocean e também de edifícios públicos mais concretamente o Hotel Axis Viana / VHM. Em cada uma destas referencias algo me despertou e retirei um bocadinho de cada uma delas.

Depois disto restou me trabalhar numa forma exterior que se adequa-se ao terreno e que tira-se o maior partido da paisagem. De toda a forma exterior estar bem estudada e pensada passei aos interiores e á forma como eles se iriam relacionar com o exterior: a criação de passagem de luz para o interior, as sombras, os reflexos... todo este contexto era importante para uma boa linguagem arquitectónica.



Memória Descritiva e Justificativa:

Como foi mencionado na pequena introdução tivemos cerca de 3 meses para a conclusão deste projeto, e nestes 3 meses foi dividindo o tempo para que em todas as etapas desde o estudo do terreno, á pesquisa de referencias, até chegar a uma forma definitiva tanto exterior como a interior e que a partir daí conseguisse transmitir uma boa linguagem arquitectónica para quem a visualiza-se.

Tive cerca de 3 semanas para conseguir retirar tudo o que seria útil para a realização do meu projeto começando pelo livro "Arquitetura Popular em Portugal" (Zona 6), pelos os arquitetos: Artur Pires Martins, Celestino de Castro e Fernando Torres. passo a transcrever:

Introdução Geográfica

"Em "O Algarve" (1938), o Dr. Medeiros Gouveia diz: " O Algarve é uma região complexa, constituída por 3 sub-regiões tão características que, se não fora uma pulverização excessiva do território, se poderiam considerar como pequenas regiões autónomas: o Alto Algarve, o Algarve Calcário e o Baixo Algarve." (124)

O Baixo Algarve corresponde a uma faixa de terreno de profundidade variável ao longo de toda a costa; constituem-no nos terrenos de origem mais recente e que forma a orla do maciço antigo ibérico (a serra). É nesta sub-região algarvia que se verifica a maior densidade populacional e onde a disseminação atual do povoamento é um traço característico em toda a sua extensão. Na orla marítima, as gentes têm como atividades principais a pesca e as industrias dela derivadas. As industrias das conservas de peixe, atum e sardinha, são de origem recente, mas representam uma importante riqueza econômica da província. (126)"



Clima

“Esta província, dada a sua situação geográfica, apresenta condições climáticas muito particulares. Entalada entre o Oceano, para onde desce em declives suaves, e as montanhas que protegem dos ventos do Norte e quase a isolam, goza na sua maior extensão, desde o Cabo de S. Vicente até á foz do Guadiana, de uma excelente exposição a sul, que aproxima do tipo subtropical, dadas as influencias exercidas pelo ventos vindos do continente Africano.

É também uma região extremamente seca, sendo- com excepção da região de Pinhel - a de mais baixo índice de pluviosidade do país. A pouca chuva que cai precipita se em aguaceiros rápidos, não sendo raro suceder a um formidável pé-de-água um céu azul e limpo. (159)

Os pátios tão característicos das casas algarvias, aparecem em quase toda a província com aspectos e tamanhos variados, cobertos total ou parcialmente pela parreira. Revestidos com ladrilho de tijoleira, de fabrico local, aplicada disciplinadamente em desenhos geométricos, outras vezes com pedra miúda ou com lajedo; é nele que se repousa das labutas diárias ou se procede á secagem do figo e da alfarroba. Para esta dupla utilização está geralmente adossado á fachada exposta a Sul, fazendo-se por ele o acesso ao interior da habitação.

No Verão, é ai que se recebem as visitas, servindo então como prolongamento da sala, para cujo fim está equipado com bancos abertos no próprio murete que o limita, ou mais singelamente, este é feito com a altura conveniente para funcionar como assento e, neste caso, é revestido com ladrilhos ou lajedo, onde a cal abundantemente empregada enriquece e plasticiza as formas.(164)

O uso da varanda, que é um elemento importante no carácter arquitectónico desta Zona, não atinge contudo o uso que se faz da cobertura com telhado, que predomina. Tão largamente usado como a açoteia aparece-nos o “pátio” descoberto ou protegido com parreira. O sentido de pátio no Algarve difere do que vulgarmente lhe é atribuído. Aqui, é um pequeno terreiro ligado á fachada da entrada das casas, sempre pavimentado e murado.

O mesmo estímulo que originou o aparecimento das parreiras, dos pátios, dos terraços, etc., levou á construção dos eirados. Estes, como aqueles, são produtos de uma completa adaptação do homem ao clima. A fraca precipitação levou ao aproveitamento das águas da chuva, para uso em trabalhos domésticos, construindo-se caleiras de telha ao longo das fachadas e sob os beirados, para a recolha das águas que correm pelas suas vertentes ou dos seus terraços, sendo deste modo conduzida para cisternas. (168)“



Materias e Processos de Construção

“Os terrenos de transição entre a grande mancha dos xistos argilosos do carbónico, cuja área domina na Zona, e os terrenos mais recentes da orla marítima (cenozóicos e antropozóicos)- que se estendem pelo litoral e penetram na bacia do Sado - aparecem somente no Algarve, englobando uma faixa, ora larga, ora estreita, de terrenos mesozóicos, que vão de Oriente a Ocidente da província, predominado aí os afloramentos calcários, os grés, as margas, as argilas, as areias, e, já no limite com a zona serrana, alguns afloramentos de rochas vulcânicas- os doleritos.

Para Oeste de Silves, a faixa mesozóica estreita-se e dá lugar, a partir de Lagos, ao desaparecimento, na orla marítima, dos terrenos mais recentes. Adentro da área dos terrenos do carbónico, a uns vinte quilómetros a Norte de Portimão, destaca-se o lacólito de Monchique, maciço eruptivo, donde se extrai uma rocha designada por foiaíte, variedade de sienite nefelínica.

O emprego de elementos cerâmicos no Algarve, está generalizado nos mais diversos tipos de construção, utilizando-se sob várias formas, desde os pavimentos interiores das habitações, às paredes e coberturas, quer sejam estas de telhado, abóbadas ou “dormentes”- tipo de cobertura plana sobre estrutura de madeira. (173)

O tipo de material mais empregado em paredes de elevação na área abrangida pela Zona é, a taipa, a qual aparece desde o litoral algarvio até ao vale do Sado. A presença de terrenos argilosos e a economia de meios necessária à sua execução podem justificar a frequência com que é utilizada, não sendo exagerado dizer-se que não houve localidade onde não se encontrasse uma construção em taipa.

As paredes deste material, quando são bem realizadas e rebocadas, são muito duradouras e a sua espessura oferece boas condições de isolamento térmico. A taipa necessita, contudo, de certas precauções na sua execução, sendo uma fundação em alvenaria de pedra, que se eleva sempre acima do terreno. (176)

Os vãos são abertos, depois da parede terminada, tendo sido previamente colocadas as padieiras em madeira.

(...) Os enxaiméis moldam a terra, formando blocos na própria parede, em fiadas horizontais, de junta desencontrada, e separados por uma camada de pedra.(...)As juntas serão tomadas, mais tarde, com argamassa hidráulica, a parede rebocada totalmente ou simplesmente caiada. (178)

Nos exemplos apresentados nota-se uma certa preocupação no trabalho e arrumação das pedras, na execução correta dos cunhais, e na aplicação das pedras pequenas para o calcetamento dos caminhos; estes empedrados são feitos, normalmente, junto das entradas das casas e valorizados por modestos desenhos



geométricos. O uso e a necessidade destes empedrados é comum em toda a área e talvez não sejam alheios a um mais elevado regime de chuvas do que no Baixo Algarve. (180)

O emprego de outros materiais naturais para a construção de habitações, ou simples abrigos, como o colmo, o bracejo ou o estorno, é em muitos casos índice de baixo nível econômico, mas sob o ponto de vista construtivo manifesta um certo engenho. (188)“

Tipos de Habitação

“(...) as divisões geográficas-naturais que constituem a Zona são: no Algarve: o Baixo Algarve, o Algarve Calcário, e o Alto Algarve; e no Alentejo: o Baixo Alentejo Inferior, os Relevos Ocidentais e a Bacia do Sado.

Nas regiões do Baixo Algarve e do Algarve Calcário, no Maciço de Monchique, e nos Relevos Ocidentais, a análise dos tipos da habitação refere-se especialmente ao povoamento disseminado de marcada feição regional;

De uma forma geral, em toda a extensão da Zona, as habitações são de composição simples e de um piso só; a chaminé nem sempre é utilizada; os estábulos, os galinheiros, as pocilgas, os fornos, etc., acompanham a habitação ou “monte” e ficam-lhe acossados, ou por vezes, agrupados e dela distintos. Os interiores aparecem-nos normalmente caiados, os pavimentos são térreos, ou revestidos a ladrilho, ou sobrado, e os vãos correspondem às divisões interiores.

Numa visão limitada e singela, a casa algarvia- quer povoamento disseminado, quer do aglomerado- distingue-se da habitação das sub-regiões alentejanas pela importância e significação que no Algarve se dá a função de receber as visitas em casa; nesta província, a entrada na casa faz-se, quer diretamente através da sala de receber, ou por um pequeno vestíbulo em forma de corredor que a antecede, e a cozinha raramente é franqueada ou bem cuidada. (191)

No Algarve, onde as populações se distribuem de variados modos por lugares aglomerados e dispersão intercalar, observam-se caracterizados tipos de habitação, de acordo com as condições muito especiais do seu clima e do seu solo, dos tipos de cultura agrícola e arvense- em que predominam a amendoeira, a figueira, a alfarrobeira e a oliveira- ou das atividades relacionadas com as pescas. Aproveitamento da terra e da água das chuvas, as terras baixas ou as encostas das serranias do Caldeirão e de Monchique, são outros tantos factores que igualmente determinam particularidades definidoras dos vários tipos de habitação, nas diversas regiões do Algarve, não podendo portanto falar-se com propriedade de um tipo de casa Algarvia, mas de aspectos distintos da habitação no Algarve.

A característica principal da habitação algarvia é a sua simplicidade, que se manifesta no aspecto exterior, numa grande pureza de formas e de superfícies, e na disposição das peças que a compõem interiormente.



Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes

O povoamento disperso no Baixo Algarve é constituído por tipos de habitações acompanhadas em geral pelos seus prolongamentos, os quais variam de forma, de importância e número, consoante o tipo de propriedade a que pertencem, ou sejam: a quinta, o monte, a fazenda, a courela ou a horta, isto é, derivados de factores de ordem económica.(193)

Os conjuntos de habitações e seus prolongamentos, vão desde a organização mais singela e reduzida- duas divisões, cozinha e pequena arrecadação- a montes e quintas já bastantes desenvolvidos, nos quais a habitação se juntam, formando um todo devidamente organizado, os estábulos para o gado bovino e cavalariço, as pocilgas, os galinheiros, as nitreiras, os cobertos ou arrecadações para as alfaías agrícolas, as eiras, e, em frente da habitação, o pátio algarvio protegido ou não com a parreira.

Esta forma de povoamento está intimamente relacionada com os tipos de cultura e empresta à paisagem algarvia, em particular a zona litoral, pela dispersão das edificações, aspectos bem definidos- cada habitação é como que o centro de atividade agrícola dos seus habitantes, além do seu lar. (194)

Os quatro exemplos de habitações relativos no Baixo Algarve foram colhidos em localidades bem distanciadas umas das outras e apresentam diferentes graus e importância no que se refere aos seus complementos.

A taipa é o material utilizado nas alvenarias, os pavimentos da casa são em tijoleira, a cobertura é em telha argamassa; a cozinha embora com chaminé não pode merecer nenhum documento fotográfico.(195)

O conjunto do Sítio de Meloal, ao lado da estrada Faro-Alportel, tem organização mais simples; o pátio pavimentado com ladrilho e equipado com bancos e floreiras, serve como elemento de ligação entre a construção que abriga o forno e a zona de serviço do lado posterior-nascente. As paredes são em alvenaria de pedra, os vãos guarnecidos com cantaria e os pavimentos interiores em tijoleira.

No exemplo de Quatro-Estradas-Lagos a habitação volta as costas à estrada, abrindo-se para melhor orientação, a sul. A pequena pocilga e o galinheiro-pombal de boas dimensões, ladeiam o acesso à cozinha do lado nascente; a situação da pocilga aproveita corretamente a diferença de níveis entre a estrada e o terreno. Do lado sul, o pátio murado e protegido por uma magnífica parreira, é verdadeiramente um prolongamento exterior da habitação, dominado o ligeiro vale que defronta.

Em Maria Vinagre, Aljezur, as pocilgas, o galinheiro e o forno estão separados entre si e da habitação, tal como em Ponte de Stº. Estevão; os estábulos assim como o alpendre para as alfaías agrícolas ficam na fachada norte do corpo da casa. Não existe propriamente cozinha: uma divisão no topo sul poente é utilizada para esse fim, mas sem chaminé: tem um certo interesse o interior da sala da entrada, tipo de mobiliário e também pelos nichos nas paredes(...) e pelo contraste entre o chão em terra batida e bem limpo e o tecto inclinado com o ripado de cana à vista e caiado. As outras divisões interiores sucedem-se umas às outras sem a utilização do vulgar corredor.



É uma construção já antiga, em alvenaria de taipa a que os contrafortes e a altura do beirado dão uma agradável escala humana, coberta com telha sem forro interior; os pavimentos são em terra batida. (196)“

Tudo isto foi bastante relevante no meu projeto principalmente na criação dos pátios dentro das Suites principais, e mas varandas que cada uma das Suites, na presença também de uma zona de lazer junto da piscina que fica á sombra durante o dia através do corpo em balanço do 2 piso, a situação geográfica e os tipos de casas e o clima foi o que mais me chamou atenção para o projeto.

Outro livro que eu me identifiquei para este trabalho foi o “Do Habitar” escrito por vários autores e vários capítulos e alguns deles foram preciosos na minha pesquisa como o capítulo escrito por Maria Milano “ a cultura do habitar em Portugal” onde eu retirei o que mais se identificava neste caso em particular:

“Em Portugal, a casa burguesa do final do século xix até aos anos 20 do século passado, caracterizou-se por um exuberante ecletismo com influencias naturalistas, neomanuelinas e “alpinas”. Nos primeiros anos do século xx, por influencia de Raul Lino, começou a ser construída por um sistema de divisões espaciais especializadas e articuladas a partir de uma entrada que organizava uma sucessão, gradualmente mais privada, de âmbitos funcionais de acordo com uma composição espacial policêntrica.”

“O habitar dos modernistas introduziu novas concepções espaciais e determinou novas condições habitacionais. Por exemplo, a ideia de casa como maquina para habitar resultou, por uma lado, numa diferenciação mais rígida entre zona coletiva e zona privada, por outro lado, numa maior fluidez e flexibilidade espacial entre os espaços destinados á cozinha, á sala de estar e á zona comum.

O passa-pratos apareceram em Portugal no começo do século xx. A cozinha da Casa do Cipreste de Raul Lino contém um interessante exemplo, embora o passa-pratos não ligue diretamente a cozinha com a zona de refeição, mas com um espaço intermédio que funciona como zona filtro, de serviço para os domésticos. Este esquema mantém-se também na Casa de Ofir de Távora, o que demonstra que o processo de democratização desejado pelos arquitetos do movimento moderno nos anos 60 em Portugal ainda era uma utopia e que a sua aplicação na realidade era uma ação forçada.

De facto, a adaptação e a aplicação á condição concreta portuguesa expressam-se na evocação da história, no uso de materiais e técnicas de construção locais, na aplicação de lógicas distributivas tradicionais e na relação mais mediata com o envolvente físico, específico de cada região; mas nunca houve a tradução de um ideal social expresso nas formas doo habitat.

(...) “A perda do carácter da arquitetura nacional, coincide com a crise da monarquia e o advento da 1º república, levou á reutilização, por parte dos projetistas da época, dos velhos códigos formais e figurativos que na altura eram revistados com um sentimento nostálgico e romântico, dando vida a obras ecléticas e fantasiosas.

O ecletismo da produção arquitectónica deste período foi influenciado sobretudo pela tradição francesa das Beaux-Arts, resultado de uma política que entregava a ideia de



progresso a uma maior abertura para com os países da Europa central, sobretudo com a França, incentivando as viagens através da atribuição de bolsas de estudo. (...) Portanto, enquanto na Europa se ativavam reformas sociais e urbanas, a nível de espaço público, de habitações sociais e traçados, e enquanto surgiam escolas de arquitetura alternativas e paralelas às "Academias" como os Institutos Politécnicos, capazes de fornecer uma formação mais tecnológica, em Portugal assistia-se á crise das escolas de arquitetura que, apesar das reformas implementadas, não conseguiram distanciar-se da formação acadêmica impetrante.(...) O uso do ferro limitar-se-ia principalmente ás cidades do Porto e Lisboa e a pouquíssimos casos e tipologias conotadas como industriais (mercados, pontes, alpendres e elevadores urbanos). Foi uma época que se prolongou até finais dos anos 20. Nessa época não apareceram figuras de relevo em nenhuma área e ainda menos no que diz respeito á arquitetura.

(...). Porém, o problema do habitat foi entregue, quase exclusivamente ás mãos de intervenções privadas da nova burguesia liberal que investiu os capitais acumulados nas colônias, em habitações unifamiliares faustosas e extravagantes. As vivendas "brasileiras" tornam-se uma constante da arquitetura da rica burguesia, com influências italiana (neste período distinguiu-se o cenógrafo italiano G. Cinatti), orientais (com a presença de janelas e portas com arco ogival) e, obviamente, neomanuelinas.

Raul Lino, arquiteto formado em Inglaterra e Alemanha, foi o primeiro a defender o regresso a uma arquitetura especificamente portuguesa. Na sua produção arquitectónica, o ideal românico alemão que sustentava, levou-o a evocar o passado, o mundo rural e "orgânico" e os códigos formais da arquitetura árabe, inglesa e alemã, com referencia sobretudo ás obras de William Morris e John Ruskin.

(..) Uma das suas obras mais significativas, a Casa do Cipreste (1912), em Sintra, para além da sua linguagem eclética, caracteriza-se por uma contextualização e integração orgânica da configuração morfologia do sitio, demonstrando uma grande sensibilidade pelas questões paisagísticas e pela relação interior/exterior. O espaço, enriquecido por um hábil jogo de luzes e sombras, é entendido no seu carácter psicológico, estético e funcional e projetado a partir de imperativos determinados pelo uso, pelas funções, pelos percursos, pelas posturas e pela sequência dos movimentos efectuados pelo potencial utente. Pela primeira vez o problema do habitar foi enfrentado através do projeto do espaço interior.

(..) No que diz respeito á arquitetura doméstica, o Estado declinou um modelo social fundado na família como base estrutural da sociedade. A tipologia escolhida foi a da habitação unifamiliar, isolada ou em banda, com um quintal nas traseiras e um pequeno jardim na zona de entrada, herança de uma visão romântica da ruralidade, ancorada rigidamente numa pequena parcela de terreno, como dispositivo de controlo para uma ordem social harmoniosa, com base mais no primado da propriedade e da família, do que nas exigências de democracia e difusão de condições mínimas de habitat para as massas.



(...) O arquiteto que mais influenciou a arquitetura de Lisboa protoracionalista foi Cassiano Branco. Ele impôs um estilo que se tornou numa moda, imitada por muitos projetistas do seu tempo. A sua importância não se deve tanto à sua linguagem, caracterizada por soluções de fachada particularmente interessantes e originais, mas à introdução de uma inédita noção de espaço interior, projetando em função do movimento e dos percursos dos utentes.

(...) No Porto afirma-se Rogério de Azevedo (...) e Januário Godinho (...) a casa Daniel Barbosa (1936). Nesta última, Godinho tenta conciliar os códigos da casa típica portuguesa, com os elementos próprios do Moderno, por exemplo, na busca do conforto pela orientação solar e na articulação planimétrica desenvolvida em função da circulação do automóvel. Esta é a obra que antecipa a busca de uma modernidade capaz de incluir problemas funcionais e relações com as especificidades locais.

(...) No caso específico de Portugal reconheceu-se na tradição arquitectónica e na especificidade sociológica e antropológica do país a forma para ultrapassar os seus limites.

Contrapuseram ao ecletismo imperante e à assimilação pouco crítica e fragmentária da linguagem moderna, manipulada pelo poder, uma reação que se baseou no estudo da tradição vernácula portuguesa e na história das tradições populares, como exemplos de coerência entre práticas quotidianas e o respectivo habitat. Em 1955 foi criada uma comissão de investigação, pensada e coordenada por Keil do Amaral, com o fim de levar a cabo um inquérito, publicado em 1961 com o título *Inquérito da Arquitetura Popular em Portugal*. (...) visava promover, mais uma vez, o carácter português da arquitetura, transformou-se para Keil do Amaral e os seus seguidores, num pretexto para demonstrar que em Portugal não existia só um modelo de referência (...). O *Inquérito*, no que diz respeito à área Norte-Oeste, foi coordenado por Fernando Távora e foi desenvolvido em sentido antropológico, na tentativa de demonstrar a "racionalidade" do habitat português (...).

Na década de 50 (...) a habitação unifamiliar, terreno fértil para aqueles arquitetos que nela podiam expressar livremente as suas personalidades, foi a que menos se prestou para as inovações espaciais e distributivas, uma vez que os clientes continuavam a permanecer à rica burguesia, a privilegiar um estilo de vida burguês e, por conseguinte, uma especialidade interior ainda convencional.

Alfredo Viana de Lima, na Casa Honório Lima (1943), recupera fielmente os temas do movimento Moderno, no que diz respeito à utilização dos primas, em que se organiza um espaço fluido, das janelas em fita, dos pilotis, do terraço jardim. (...) Esta linguagem tornar-se-a progressivamente mais madura na Casa Rocha Gonçalves, onde adopta um léxico de inspiração brasileira: a cobertura-borboleta, a utilização de fibra de betão nas paredes laterais, mas, principalmente, a clara e fluida especialidade interior representada pela introdução de um único e amplo living-room.

Celestino Castro, com a Casa no Amial (1953) e a Casa José Braga (1949), será o arquiteto que aplicará os princípios corbusianos de uma forma mais pura e rigorosa: o



Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes

uso da planta livre permite ao bloco erguer-se, libertando o espaço subjacente e permitindo a leitura dos três planos horizontais, encerrados entre duas paredes laterais em pedra, e sustentados apenas por um pilar principal.

(...) Mas o tema que permitiu o estudo de organismos mais complexos do que a habitação unifamiliar foi o da habitação colectiva, quer pelo impacto na malha urbana, quer no que diz respeito á organização e distribuição de espaços interiores. Foi um lugar de experimentação de novos acessos, novos standards, que impunham cubagens e áreas mínimas necessárias para o habitat da sociedade moderna, de novas especialidades e novas formas de habitar.

(...) Na continuidade da investigação de Távora, a reproposta da tradição portuguesa, expressa em termos modernos, foi a prioridade de Álvaro Siza Vieira, sobretudo no início da sua carreira de arquiteto, na altura de forte colaboração com o mestre. Estas intenções encontram-se nas suas primeiras obras: na Casa Alves Santos (1964/70)(...), e na Casa Alves Costa (1971),(...) a Casa Alcino Cardoso (1971/73).

A arquitetura de Siza nasce do impulso para a realidade concreta, a forma e a criatividade. Isto leva-lo-á a uma síntese entre lugar , desenho(...) e programa. A noção de lugar, já presente no discurso dos arquitetos modernos, enriquece-se com elementos, já não é um topos, um espaço abstrato, mas um lugar existencial, habitável, plástico...”

A casa sintetiza abstração, regularidade volumétrica e complexidade de relações na globalidade do espaço. A configuração espacial é aparentemente convencional, quebrada pela dissonância e fragmentação de algumas partes, recomposta pelo elemento centralizador do corpo da escada que permite perceber toda a dimensão vertical da casa.

Outra personalidade em cuja formação é determinante toda a herança histórica e arquitectónica do ultimo século é Eduardo Souto Moura.

(...) O reflexo desta postura pode facilmente notar-se em algumas das suas obras de arquitetura domestica, onde experimenta, com agilidade, tipologias, técnicas construtivas e novas linguagens. Da tipologia da casa com pátio, até a casa rural do Minho, usa materiais e tecnologias construtivas com uma referencia irônica e subtil aos materiais tradicionais como o granito e a ardósia. Nas casa pátio (1999) em Matosinhos, Souto Moura experimenta novamente, depois da de Alcanena, a tipologia da casa pátio e, mais uma vez, reinterpreta o seu carácter. As paredes compridas e estreitas nas quais se desenvolvem as novas habitações unifamiliares tornam necessárias frequentes áreas de luz natural. A casa, portanto, configura-se como uma densa sucessão de ambientes: passa-se da zona dos quartos/serviços, que se articula á volta de uma claraboia central, á sala de estar/cozinha, passando através de um pátio com piscina até uma nova zona de serviço que define o seu limite. O pátio central constitui o elemento de união entre zona living e zona dos quartos, permitindo a iluminação das zonas mais internas da parcela.

No panorama da arquitetura domestica portuguesa contemporânea emergem outros casos interessantes como os de: João Álvaro Rocha com a Casa da Marina (1993/99) onde a relação com o contexto é explorada através do uso de uma pedra xistosa, um material tradicional da região em que se insere; José Gigante com a



Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes

Reconversão do Moinho (1998) que introduz uma interessante tipologia no tema das casas de férias; António Portugal e J. M. Reis, de uma geração ainda mais recente, com a sua Casa-Estúdio (2000) que, em chave contemporânea e através de um esquema distributivo extremadamente claro, retomam o tema da planta livre, articulada á volta do bloco de serviços, já desenvolvido na Casa Farnsworth de Mies Van der Rohe.

Hoje, o debate sobre o projeto domestico, correspondente a esta nova condição operativa e habitacional, é quase inexistente. Em Portugal, o núcleo do discurso, ainda centrado na relação entre inovação e tradição, continua a realizar-se a partir de preocupações formais e linguísticas caracterizadas por um exacerbado maneirismo.

(24,25 26 27 28 29 30 31 32 33)

Outro capítulo que também me deu algumas “luzes” foi o capítulo, “A paisagem e o habitar Mediterrâneo - do habitat mediterrâneo ao habitar da paisagem.” de João Paulo Cardielos

“O habitar mediterrâneo desde muito cedo se caracterizou pele profunda interação que os diferentes grupos de indivíduos, e depois as sociedades, foram estabelecendo com esses diferentes territórios, ao longo da ampla bacia hidrográfica deste Mar singular, circunscrito e interior- onde se foram fixando, no inicio, penas comunidades rurais mais tarde, alguns dos mais populosos centros urbanos da civilização ocidental.

(...) Não foi apenas pela necessidade de agricultar e explorar as terras, para alimentar os homens, que a interação com o território se tornou incontornável na modelação do espaço do habitar. Tudo, neste quadro geofísico e climático, convida ao usufruir das amenas condições de habitabilidade. (96).

Em caso algum poderemos ignorar o “pátio”, que assume dimensões, formas e designações muito diversas, e será seguramente um ícone maior da edificabilidade mediterrânea. Ao longo do tempo, as suas aptidões fundamentais vão-se alterando, quer em funcionalidade dominante, quer na estrutura da sua concepção.(97)

(...) adquirem dimensões capazes de permitir um usufruto interaccionado, entre a possibilidade de introduzir novas valências técnicas e funcionais- de iluminação ou ventilação ou, mais tarde, de experimentação e cultivo.(...)

(...) no cruzamento das experiências da arquitetura com a arte, com o paisagismo, ou mesmo com novas formas de expressão. (98)

Se a espacialidade de tradição mediterrânica é importante para a história do habitar ocidental, será igualmente importante para a compreensão de qualquer ideia de paisagem +, no processo de progressiva apropriação que dela vão fazendo as sociedades de tradição cultural mediterrânica. (98)

O habitar mediterrânico é reflexo de um longo processo de adaptação do habitat ao meio físico explorando a sua natural compatibilidade.(...) (99)

(...) o habitar já não pode estar confinado ás solicitações particulares de instalação das funções da sociedade no território, como as definiu, por exemplo, Le Corbusier - habitar, trabalhar, deslocar e recrear - pois somos hoje mais exigentes e complexos na determinação de consumir espaços e tempos, e de estabelecer a natureza individual ou



colectiva desse consumo/usufruto. (...) O habitat será hoje, mais do que até agora, o espelho das nossas convicções, pois já podemos olhá-lo com plena consciência das implicações que a observação desse reflexo transporta.

Não há mais espaço responsável, no ato criativo do projeto, para ignorar a paisagem como matéria-prima de desenvolvimento. Esta paisagem não é um espaço publico, não é espaço programa, não é função específica, não é habitabilidade, mas é apenas paisagem enquanto território de concepção e desenho integrado. (100)''

A minha pesquisa aprofunda-se, e dá lugar a novas procuras de edifícios que me eram atrativos a meu ver e que se adaptavam ao terreno onde teria de construir. Assim os meus modelos e referencias metodológicas são a Casa EG / Play - Marcelo Alvarenga o que me mais identifica aqui é o terreno sem duvida mas também os blocos que entre si estão em balanço e como eles dão forma á casa em si, e as sombras que ele provoca no interior. Outra das minhas influencias é a AIBS / Atelier d'Architecture de Bruno Erpicum & Partners por estar localizada junto ao mar deu me alguma inspiração na relação que a piscina tem com a paisagem e com o interior da casa e todos aqueles envidraçados desse piso que dão uma grande intensidade de luz e reflexos durante o todo o dia. Depois a House of the infinite by Alberto Campo Baeza stretches towards the ocean é uma habitação também ela com uma paisagem idêntica a minha situação e neste caso o material em que ela é feita (mármore travertino romano) em que a "casa combina organicamente com a praia" é o que eu vou utilizar para a minha habitação e a relação que a piscina tem na cobertura com a praia é qualquer coisa de fantástico dai tirei a ideia de por um espelho de água também numa das minhas coberturas os reflexos para o interior da casa é muito bonito principalmente durante a noite. E por ultimo saindo fora do contexto de habitação unifamiliar está o Hotel Axis Viana / VHM, onde o que eu retiro como inspiração é "os volumes empilhados transpassados dão dinamismo ao conjunto e oferecem uma série

de perspectivas que variam de acordo com o ângulo do observador. Os dois níveis inferiores são de concreto, sobre o qual são colocadas estas caixas de aço que abrigam as habitações." (archdaily) dai o meu 2º piso estar em balanço para criar sombra para o interior da sala de estar/jantar e como o Algarve é uma região de temperaturas elevadas ter o ultimo piso com "fuga" ao calor tendo a piscina mesmo ali ao lado.

Em relação á interpretação do local de intervenção, iniciei o estudo por compreender todas suas condicionantes/características tanto como a inclinação do terreno, a situação geográfica, a sua envolvente (a existência de edifícios antigos ou não) a vegetação existente, a área de implantação (420m²), a área total do lote, a sua tipologia (v4), a paisagem etc... Todos os edifícios que pesquisei anteriormente se poderia encaixar de certo modo com todas estas características e retirando um bocadinho de cada um deles e no final a forma, os materiais, os interiores e exteriores serem aquilo que seria a minha expectativa pessoal para este projeto.



Casa-Estúdio
EG / Play -
Marcelo
Alvarenga

AIBS / Atelier
d'Architecture de Bruno
Erpicum & Partners

House of the infinite
by Alberto Campo
Baeza stretches

Hotel Axis Viana / VHM

Para justificar toda a forma da minha habitação um dos principais condicionantes foi a orientação das coordenada, ou seja, tudo o que seria serviços como garagem, lavandaria, cozinha... e zonas de circulação principalmente a caixa de escadas ficariam a norte e o restante, quartos, sala de leitura/biblioteca e sala de estar/jantar estaria voltadas para sul por motivos solares, mas também para conciliar todos estes espaços mais frequentados com a paisagem do mar mediterrâneo, a piscina ficaria então a oeste onde o sol se põe para poder ter o maior aproveitamento até ao final dos dias, visto que seria uma casa de férias.

O ultimo nível onde se encontra a sala de estar/jantar e cozinha retira sem duvida o maior aproveitamento da relação entre interior e exterior, pois a piscina faz uma envolvente com este piso, dá a ideia que faz parte da casa e que pode ser tanto exterior como interior, tanto para o Verão como para o Inverno. Existe duas saídas para o exterior tanto por a cozinha como por a sala, os grandes vão envidraçados laterais tem ligação á piscina pelo interior. Também no exterior junto á piscina criei um bloco separado da casa com o intuito de criar uma casa de banho de apoio á piscina e também de relaxamento com uma banheira de hidromassagens, com vista para o mar e o campo de golfe e também com três chuveiros.

No nível intermédio estará a zona mais privativa, os quartos existe 4 quartos. Dois deles são as suites (aproximadamente com 33,55m²) principais, com 4 zonas distintas mas ao mesmo tempo todas iguais (a zona da casa de banho, a zona do roupeiro, a zona da cama e por ultimo a zona exterior uma pequena varanda coberta), com a casa de banho virada para um pátio interior, com um boa luminosidade e com uma boa relação com o exterior, o pátio fica a meio da suite com um lado virado para a casa de banho e outra virada para a cama e na zona do mediana estará o roupeiro e no por fim a varanda



Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes

quem tem um óptima vista para o mediterrâneo.(Os pátios inseridos dentro das Suites são uma das necessidades mais populares das casas tradicionais algarvias devido às condições climáticas, mas também é um bom elemento de conjugação de luz, de sombras e principalmente da relação interior que ele consegue obter). Os outros dois quartos são mais pequenos (com aproximadamente 28,30m²), devido á a falta de espaço não pode criar pátios mas tem na mesma as varandas com a vista para o oceano e de certo modo interligadas com a zona da cama, também com casa de banho privativa e um roupeiro na zona intermédia. Existe ainda uma lavandaria com um pátio e também um pequena casa de banho de serviço, pois no ultimo piso não ficava bem integrada e optei por por neste sitio junto á caixa de escadas.

No primeiro nível encontra se a entrada principal da casa, a garagem (36m²) com espaço para dois carros, e com vista para o mar optei por pôr uma sala de leitura/ biblioteca para aproveitar o sitio mais alto da habitação e com melhores vistas para criar um espaço de calma e relaxamento para quem eventualmente tiver o gosto pela leitura. Na caixa de escadas coloquei áreas de luz, para uma melhor luminosidade para o interior da casa. Também na sala de leitura na cobertura do nível intermédio está um grande espelho de água para dar uma espécie de continuação ao mar e dar os reflexos da água para dentro da sala.

O jogo dos blocos de cada piso em balanço foi pensado principalmente para uma boa adaptação ao terreno visto que tem uma inclinação acentuada e também para no ultimo piso ter um bom jogo de sombras e criar assim um pequeno "terraço" á sombra durante o dia. Os alçados laterais (este e oeste) não tem grandes aberturas para o exterior, pois a vista é para os lotes laterais, mas tira partido da luz apenas na caixa de escadas, no fundo do corredor do nível intermédio e no ultimo piso tem uma saída através da cozinha para o exterior. Assim no alçado sul é onde a habitação se pode dizer que desenvolve em relação aos vãos, existe grandes aberturas para o exterior, começando na sala de leitura passando nos quartos e á acabar na sala e cozinha. A forma foi dada com a referencia óbvia no Axis Viana Hotel, aplicou-se na perfeição nas condicionantes do terreno pouco tive de alterar, manteve-se também a vegetação existente sem qualquer tipo de alteração. A vista para a casa partir da rua principal é apenas o 1º bloco, o resto da casa desenvolve-se para a parte posterior. O material de construção exterior seria a partir de mármore travertino Romano, uma bela combinação organicamente com a paisagem da praia e do campo de golfe.



O travertino é uma rocha sedimentária principalmente formada de calcário e com a sua origem há milhões de anos nos depósitos dos rios e nascentes que lhe proporcionaram uma beleza única e atemporal. Encontramos os primeiros exemplos de resistência e de magníficas qualidades decorativas desta Pedra Natural na antiga Roma, aonde os monumentos e igrejas construídos com travertinos resistiram à passagem dos anos e continuam elegantes e majestosos. Hoje em dia os travertinos são muito utilizados em zonas residenciais pela sua idoneidade em pavimentos e revestimentos. A pedra travertina tem a melhor qualidade e as melhores propriedades estéticas.

Do ponto de vista da utilização, a mármore travertino romano tem inúmeras aplicações como material de construção, tanto interiores como exteriores. Ele é usado em pisos, paredes, fachadas e também na fabricação de partes superiores e de saúde, tais como bases de chuveiro e pias.

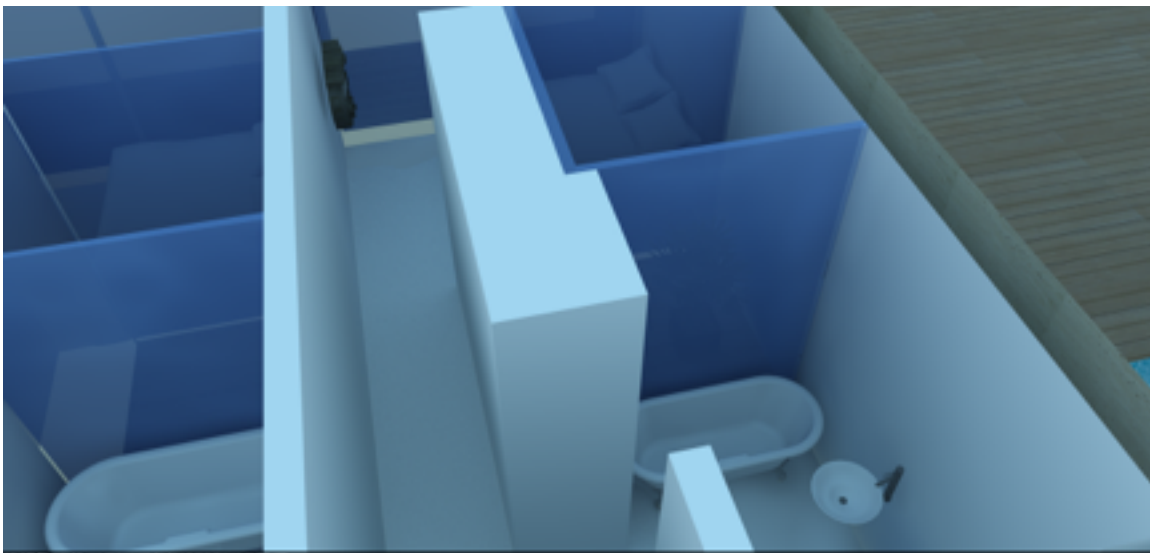
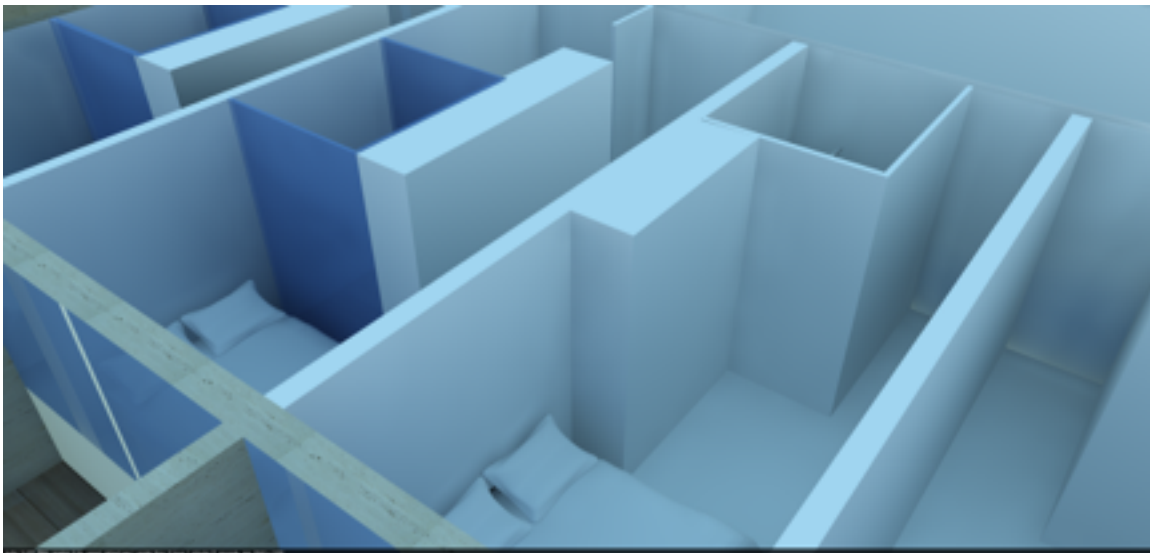
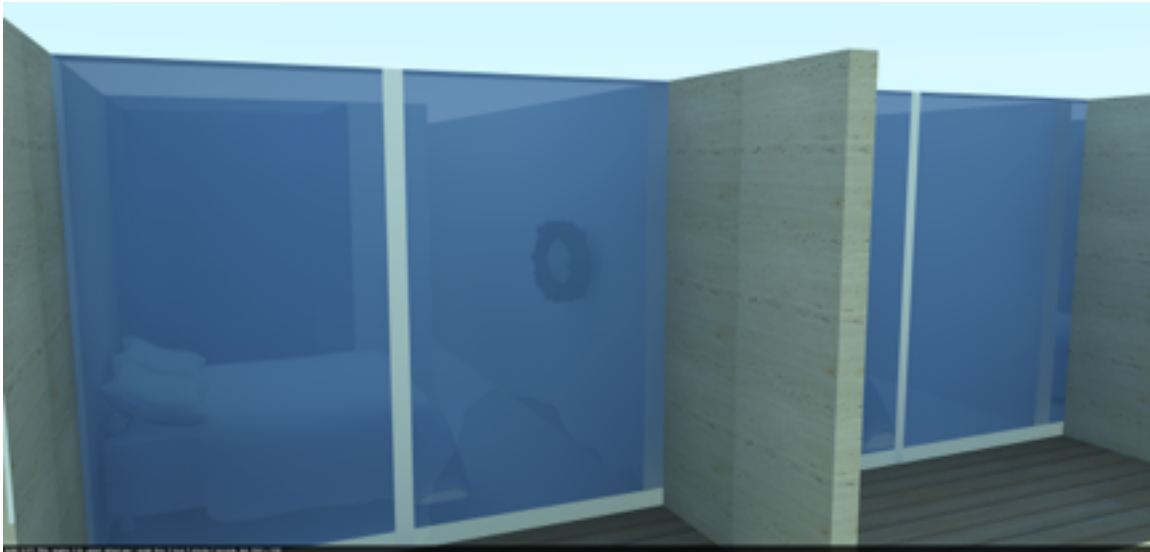


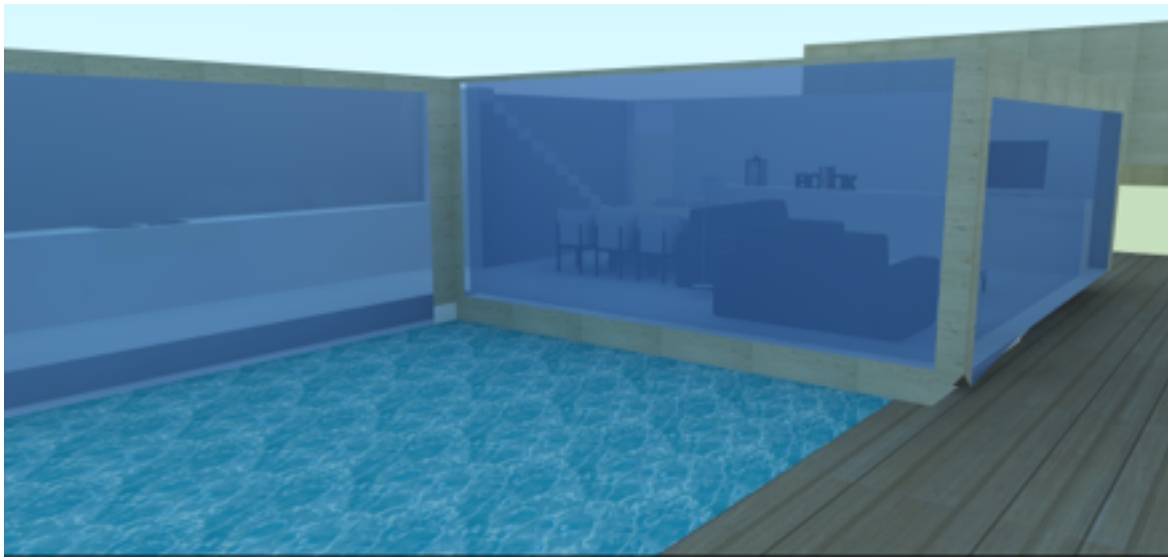
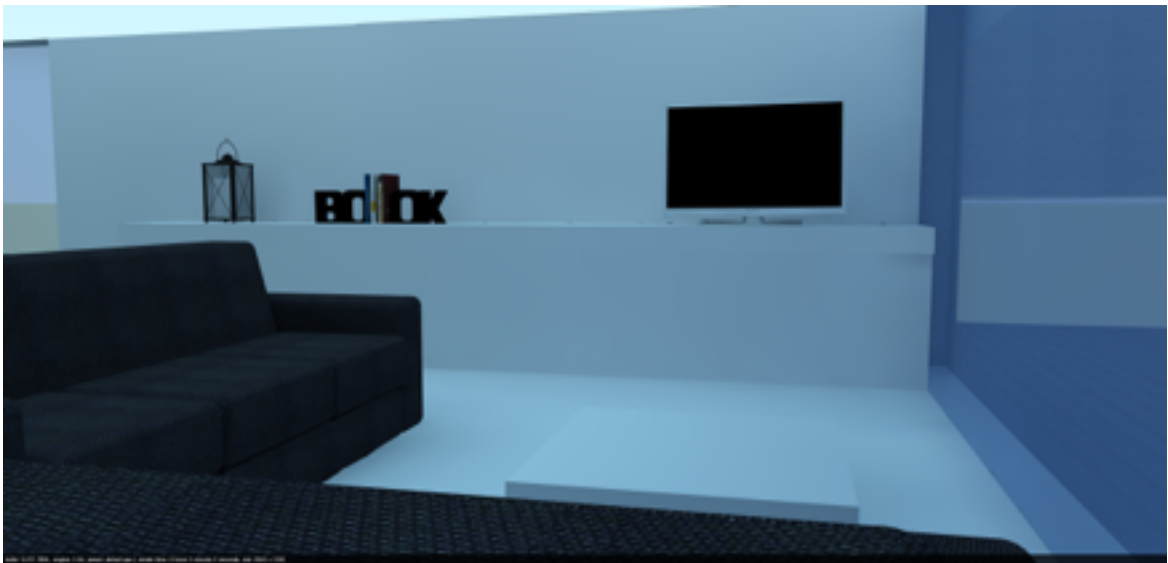
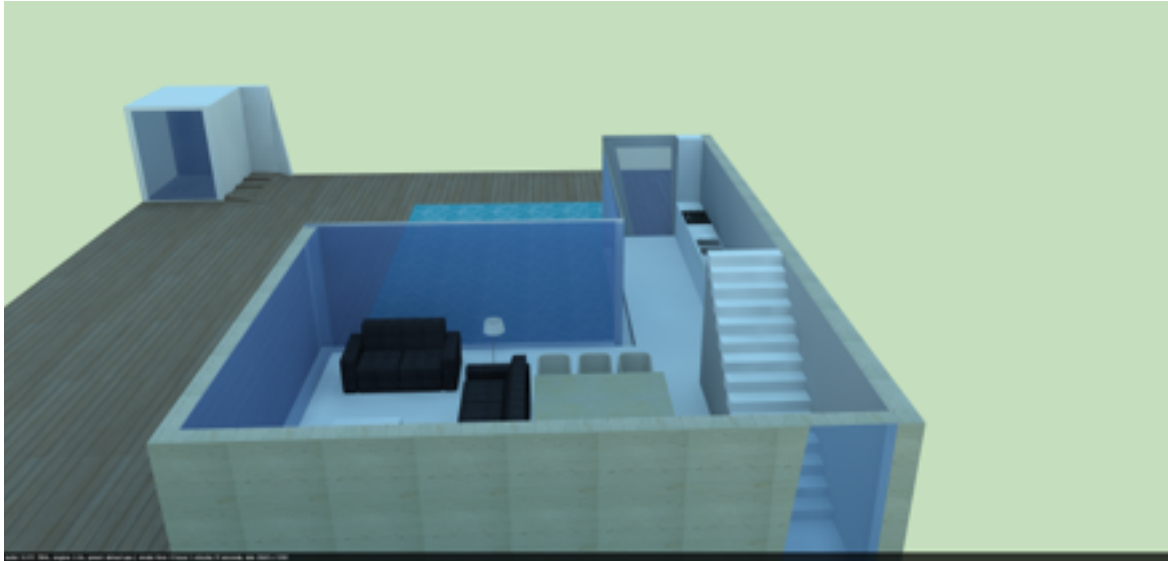
Mármore travertino romano

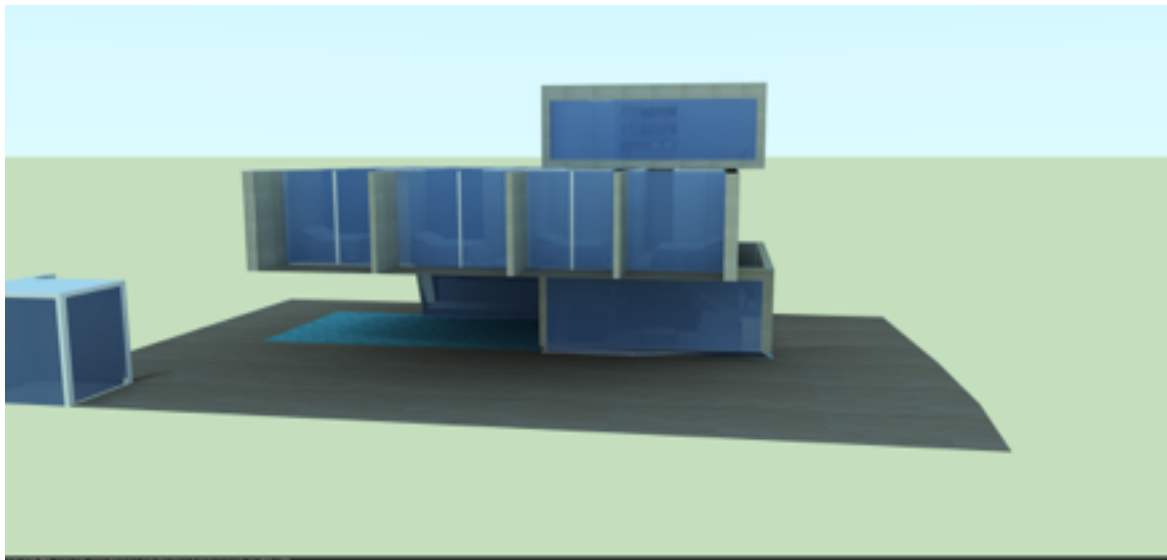
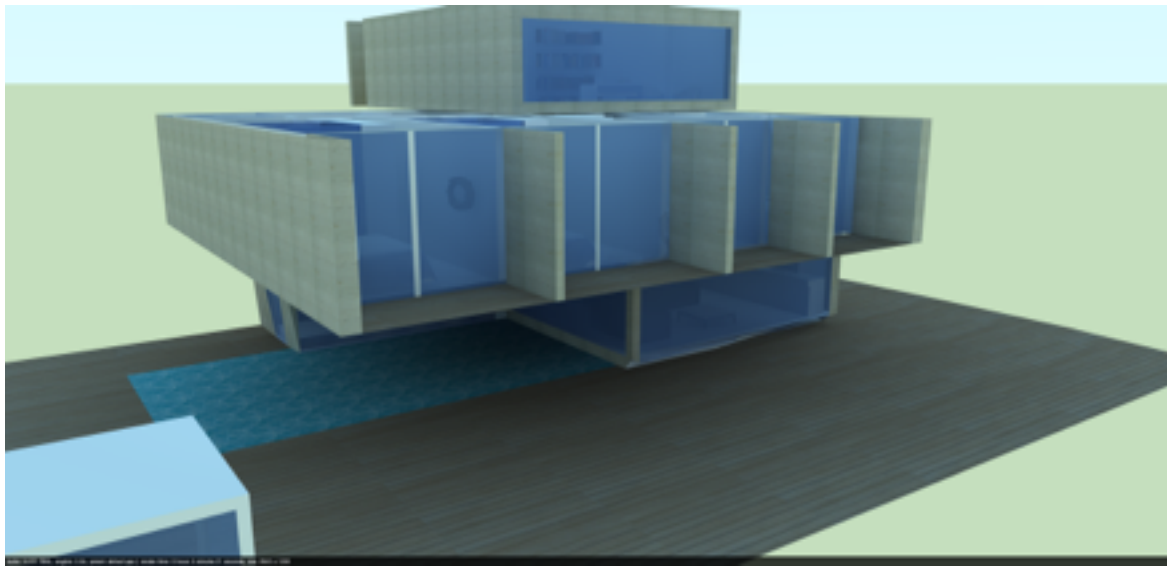
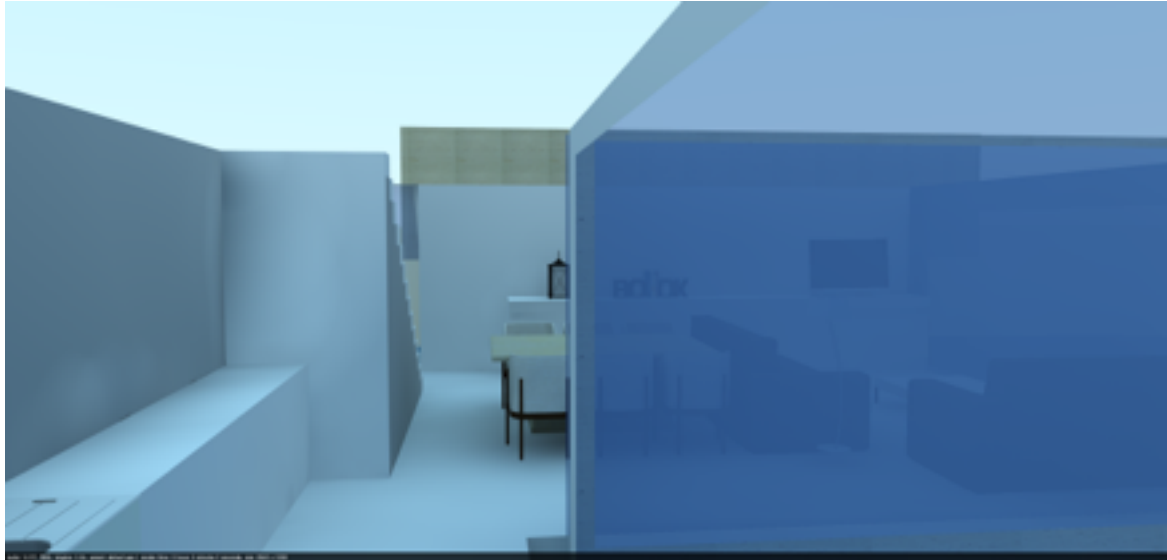


Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes

Imagens 3D

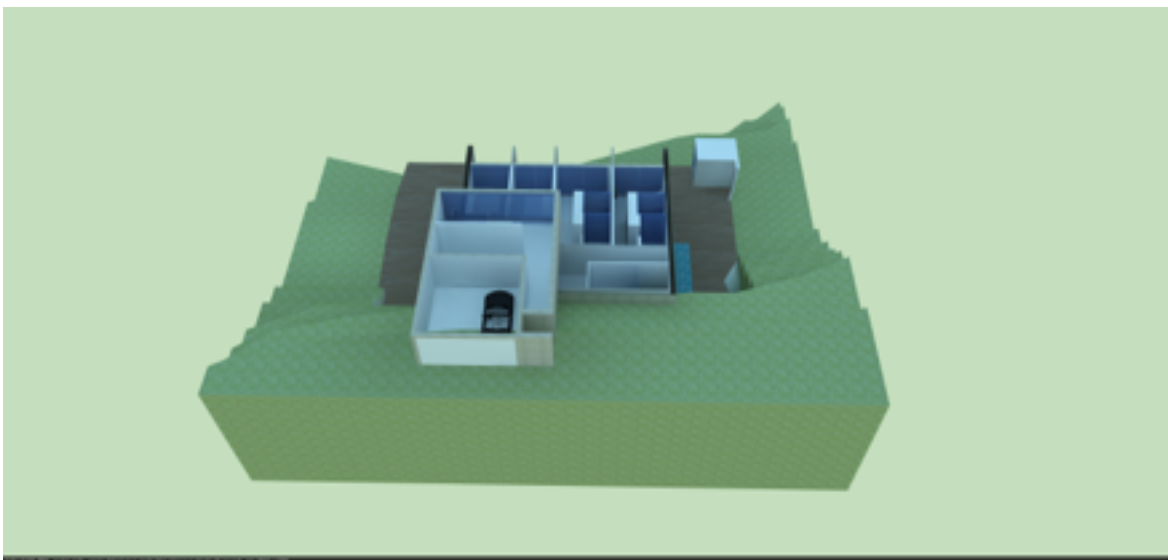
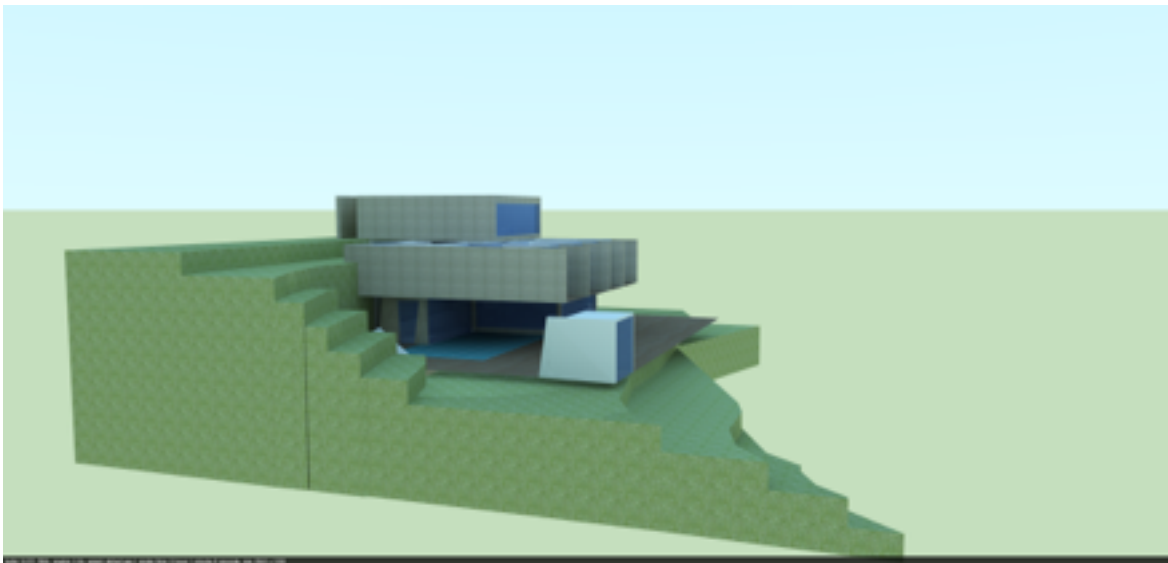
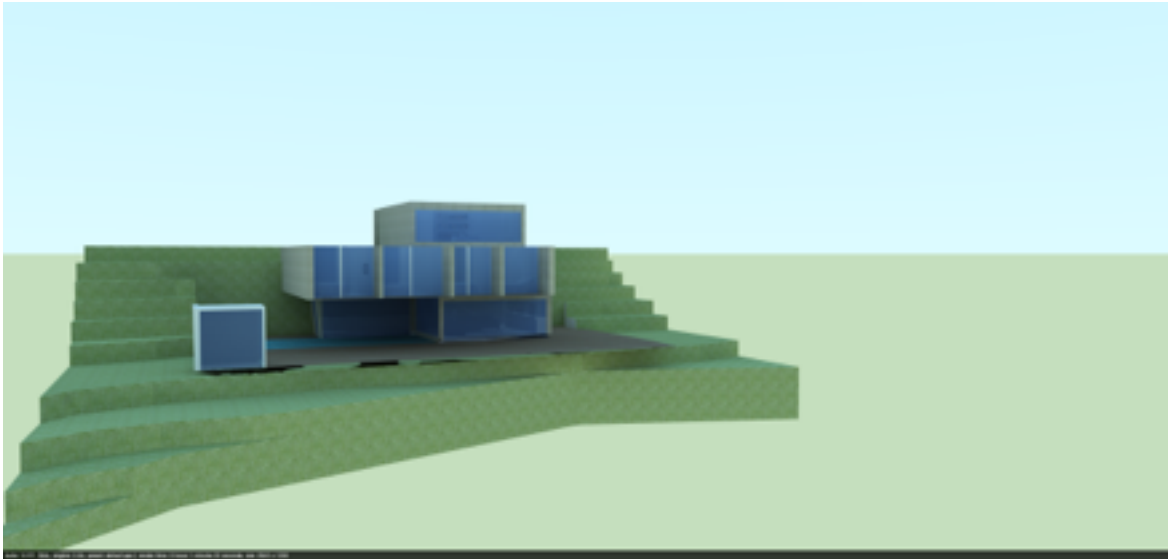


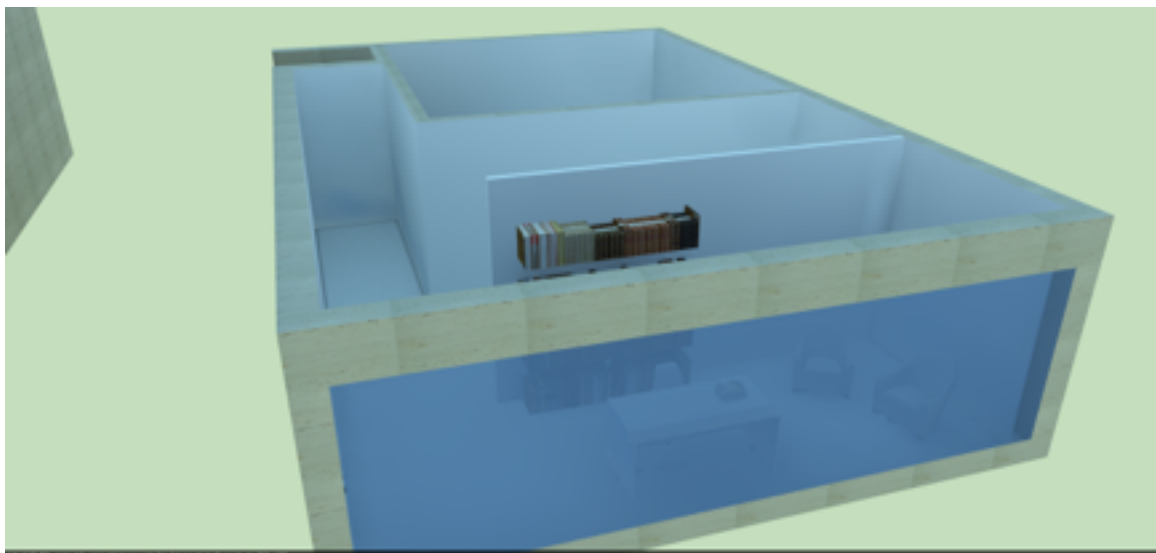
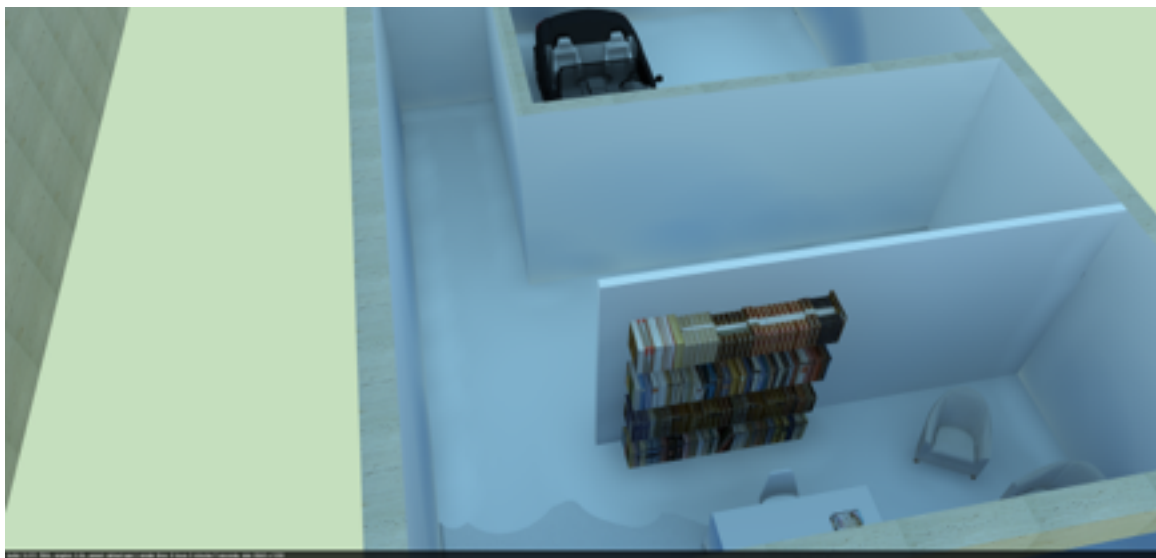






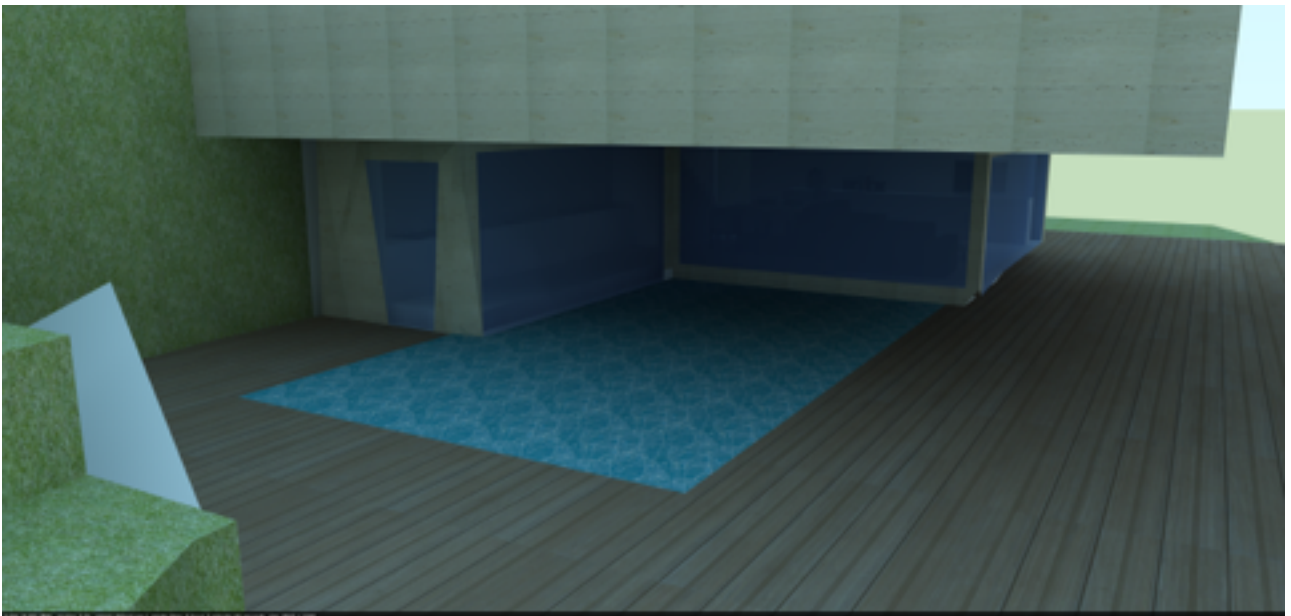
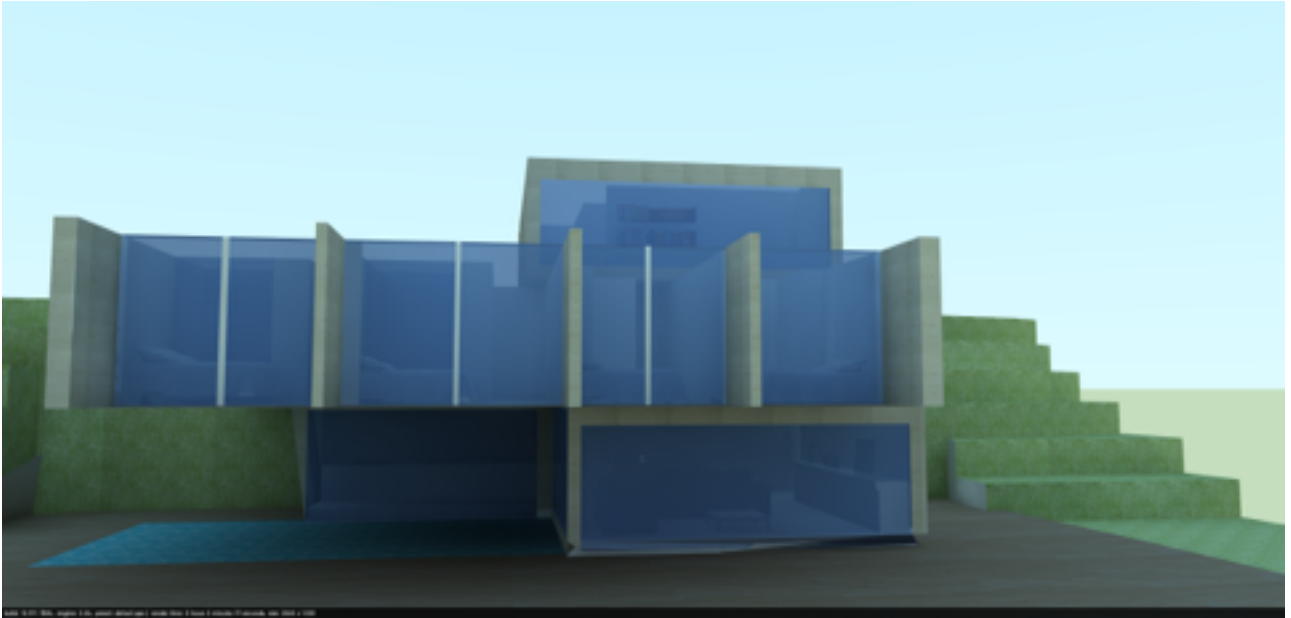
Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes







Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes





Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes

Plantas, Cortes, Perfis e Alçados



Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes

Fotos da Maquete

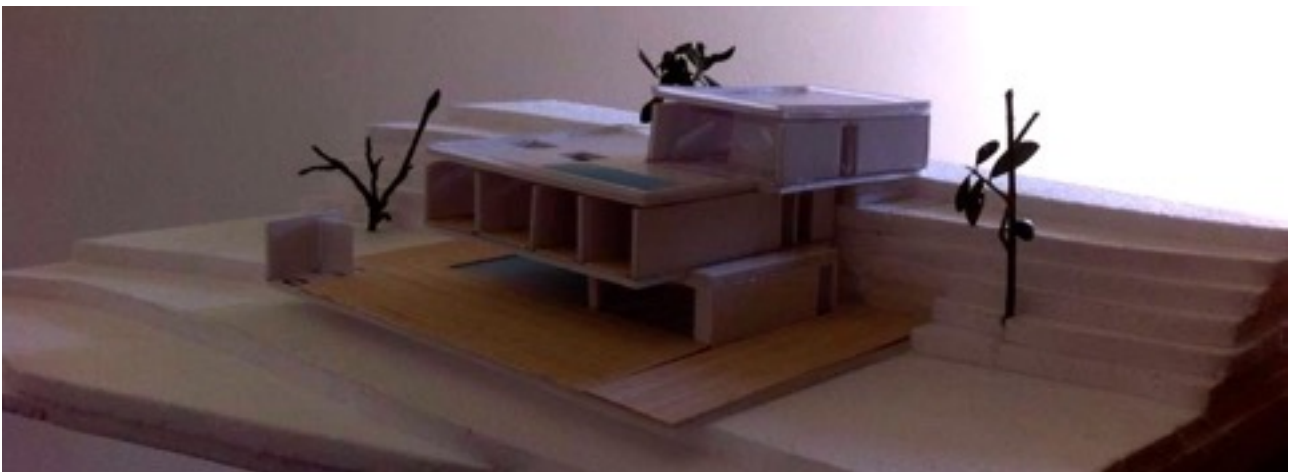


Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes





Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes





Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes



Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão - Faculdade de Arquitetura e Artes

Bibliografia:

- Milano, Maria. "Do habitar", Edições ESAD. Porto, 2005;
- ARQUITECTURA POPULAR EM PORTUGAL, 1961, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses;